

Vida em Comunidade

Christian Patzl CDS

15 de junho de 2016

Rumo a uma introdução

Como Salvatorianos, nós estamos e sentimos-nos conectados de muitas formas, especialmente através da oração e dos pensamentos de nosso Fundador, Pe. Jordan. A nossa Vida Salvatoriana está alicerçada na vida em comunidade. Sentimos necessidade desta base como fonte de nossa Vida Salvatoriana da qual haurimos nova coragem e ideias, e de onde bebemos as luzes do Espírito Santo. Assim, é importante nutrir e aprofundar esta comunidade.

O nome de cada um dos três ramos, unidos sob a cobertura da Família Salvatoriana, reflete o estilo de vida escolhido por seus membros: uma comunidade. Mas em termos concretos, com o que se parece esta comunidade, e como deveria/poderia expressar-se dentro da Família Salvatoriana? Olhando mais de perto, isto revela que todos os três ramos têm comunidades que funcionam mais ou menos. Como não tem havido, até o momento, qualquer matéria escrita virtualmente sobre este assunto, é chegada a hora de explorar mais profundamente o importante tema da vida comunitária, uma vez que a Declaração da Família Salvatoriana¹ desafia-nos a vivê-la como uma comunidade de amor.

Em cada ramo, as comunidades estão estabelecidas de formas diferentes e sob condições variáveis. Para os Leigos Salvatorianos^a, tem sido comum o fato de um grupo começar com a presença de um Padre Salvatoriano e Irmã Salvatoriana. A formação Salvatoriana tem se pautado por um tema central no processo de construção da comunidade. Contudo, pouca ou nenhuma atenção tem sido dada às necessidades “particulares” dos membros, apesar de estes desempenharem um papel essencial no desenvolvimento da verdadeira comunidade. São muitas as razões, variando desde os esforços adicionais necessários para o acompanhamento e a disponibilidade de tempo, à falta de experiência na condução de um grupo ou, na simples compreensão da necessidade de se estabelecer lideranças entre os interessados. A vida cotidiana, vista a partir de cada perspectiva particular é, com frequência, muito diferente da dos clérigos e leigos – como é a compreensão que, cada qual tem do estilo de vida de outros.

Consequentemente, com o que a vida comunitária em cada um dos ramos e dentro da família inteira se parece, realmente? Poderíamos iniciar explorando os conceitos de comunidade, de sociedade e grupo.

O que é uma comunidade?

Em Mt 18, 20, lemos: *“Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”*. Isto expressa já a ideia básica da comunidade (Cristã) (ou sociedade, ver abaixo). Desta forma, é preciso ter pessoas de mentalidade semelhante tendo algo em comum. Estas pessoas têm uma espécie de proximidade emocional ou, o que se poderia dizer casualmente, estão na mesma onda -. *Cultivam relacionamentos próximos e mútuos. Esta é uma definição sociológica de comunidade.*² Em geral, o termo comunidade é complexo designando relacionamentos mútuos de pessoas que *partilham objetivos religiosos, visões de mundo, ideais ideológicos ou políticos, ideais espirituais ou, como sua base comum, alguma finalidade prática, limitada, desenvolvida no decorrer do tempo.*³

^a Como somente eu estou sabendo detalhadamente sobre o estabelecimento de comunidades de Leigos Salvatorianos, gostaria de apresentá-las como exemplo. Contudo, as semelhanças com as outras duas comunidades Salvatorianas não estão excluídas.

As primeiras comunidades monásticas, no desempenho de seu papel, tinham também por objetivo a vivência prática do Evangelho através do equilíbrio entre a oração e a atividade laborial (“ora et labora”) e a demanda de uma vida fraterna simples, em comunidade.⁴

À pergunta sobre a razão de ser ou, sobre a base comum de uma comunidade, a resposta nem sempre é facilmente compreendida por quem está de fora. Vários estudos⁵ demonstram que as razões para reunir-se em comunidade são difíceis de avaliar, mas a razão principal está situada na realização a longo prazo de expectativas emocionais e desejo.

Sinalizadores inconfundíveis de uma comunidade emergente é o desenvolvimento da solidariedade entre os membros e seus subsequentes relacionamentos. Consequentemente, não existem conflitos abertos de interesses nas verdadeiras comunidades. Antes, os membros buscam alcançar o consenso, o mesmo que dizer, que eles buscam partilhar convicções, valores e costumes.

Diferenças entre comunidade e sociedade

Como oposição às comunidades, a associação de indivíduos em uma sociedade baseia-se em considerações racionais. Em uma sociedade muitos lucram a fim de alcançar um objetivo individual particular. O foco está colocado na troca de serviços e retorno – desta forma, poderíamos falar sobre uma “comunidade de interesses”. Uma sociedade é composta por vários grupos e comunidades.

A sociedade refere-se a humanidade como um todo, bem como a grupos específicos de pessoas, como uma nação ou um grupo étnico. Mas, a sociedade pode, igualmente, se referir a um contexto de pessoas limitado e estruturado (como a “sociedade sueca”) ou a um grupo de redes sociais de pessoas que pode ser definido pela interação de seus membros.⁶

Então, o que é um grupo?

Um grupo, normalmente, consiste de 3 a 25 pessoas, no máximo. Essas pessoas têm um

Quadro 1

Estágios de formação de uma comunidade (M. Scott Peck)

- ❖ Estágio de Pseudo-Comunidade - Pretensão de viver em harmonia - tentativa (busca de) de assimilação
- ❖ Estágio de choque - Conflitos permanentes, resistência, de ira e raiva
- ❖ Estágio de quietude (vazio) - Vulnerabilidade, mudanças profundas. Os membros começam a falar sobre si e sobre suas necessidades
- ❖ Estágio de autenticidade - Exploração da energia comum afetiva, amor sem um motivo.

ENCONTRO EUROPEU DE LEIGOS SALVATORIANOS DE
2014 – BÉLGICA

20 a 22 de Junho

objetivo de grupo em comum, que oferece motivações para o seu comportamento. O grupo caracteriza-se por um sentimento de “nós”. Isto, para dizer que todos os membros vêm a si mesmos como parte de um todo maior e agem de acordo.

Cada grupo tem o seu próprio sistema de normas e valores comuns que servem para alcançar o objetivo comum do grupo. Os valores fundamentais, derivados dessas normas, determinam as ações dos membros.

Um grupo é, igualmente, caracterizado pela distribuição de papéis que tornam

mais fácil atingir o objetivo do grupo. Apesar do sentimento do “nós”, persiste uma certa distância entre os membros. Ainda não é necessário haver um verdadeiro consenso.

O início de um grupo mostrando os traços de uma comunidade

Um grupo deve ser caracterizado como tendo traços de uma comunidade, por exemplo, quando os membros desenvolveram uma particular proximidade e buscam atingir o consenso ao

tomarem decisões. Todos sentem-se “em casa” e estão interessados em evitar ou limitar os conflitos.

O ideal que buscam é o de não ter conflitos latentes dentro do grupo.

Um tal grupo consiste em que se conheçam por um longo período de tempo. Quando novas pessoas se juntam ao grupo (mesmo que, apenas, temporariamente) ou outros o deixam, a estrutura do grupo fica interrompida. Isto provoca sempre um efeito em cada membro em particular. Na maioria das vezes o nível dos relacionamentos e a abertura dentro do grupo torna-se reduzida.

Quatro estágios da formação de uma comunidade

Olhemos agora para o processo de formação de grupo porque um grupo não surge da noite para o dia, mas passa por diferentes estágios. O Quadro 1 mostra os quatro diferentes estágios do desenvolvimento da comunidade, conforme definição de Morgan Scott Peck, Psiquiatra e Psicoterapeuta dos EUA.

Em geral, cada comunidade pode ser atribuída a um desses estágios.^{b7} As transições são fluidas, mas elas se distinguem por traços característicos.

1. Estágio da Pseudo-Comunidade

Esta é a forma como cada grupo é iniciado, assim como, toda a comunidade; cada membro sabe a respeito deste estágio bastante insignificativo, marcado por “conversas breves”. O grupo se comporta como sendo já, uma comunidade, como se houvesse apenas pequenas diferenças individuais entre os membros e nenhuma razão para conflitos. Este estado é mantido por meio das “boas maneiras”: Há muita tolerância, e os detalhes desagradáveis são “engolidos” para evitar qualquer possível ofensa; ninguém pode ser perturbado ou mesmo, tratado com hostilidade. “Incompreensões” são eliminadas com um sorriso. Em caso de perigo os membros mudam de assunto, rapidamente.

- **Estágio da Pseudo-comunidade**
☞ *pretensa harmonia, tentativa (busca) de assimilação*
- **Estágio Caótico**
☞ *conflitos permanentes, resistência, fúria e raiva, de não ser compreendido*
- **Estágio de vazio**
☞ *vulnerabilidade, trocas profundas, os membros começam a falar sobre si mesmos e de suas necessidades*
- **Estágio da autenticidade**
☞ *uma energia afetiva comum é explorada, amor sem um motivo*

Quadro 2

Prevalece aqui o clima de um “mundo perfeito”: cada pessoa tenta participar tão bem quanto possível, mostrando-se atenciosa e respeitosa. Dificilmente há entre eles conversas com maior profundidade ou discussões e, assim sendo, permanecem em nível estritamente factual – de certa forma, sem compromisso, educado, artificial, cansativo, estéril, e portanto, improdutivo – deixando espaço suficiente para os membros se retirarem com facilidade.

Quase não existe ordem hierárquica; é possível a partilha de responsabilidades, mas que ocorre, normalmente, somente em pequena escala. Contudo, a partilha de responsabilidades neste estágio não deve ser confundida como simples apoio ou desejo de ajudar provocada pela pretensão ou manutenção da harmonia.

2. Estágio de Caos

^b Em sentido semelhante definido como “realização de um modelo em formação, tempestuoso, estabelecendo normas” por B. Tuckman; porém, seu modelo se refere mais à formação de equipes de liderança e de gerenciadores.

Depois de algum tempo, o grupo chega ao ponto da diminuição dos limites pessoais de tolerância dos membros. As forças e fraquezas mútuas tornam manifestas que, mais cedo ou mais tarde, levam a dissensões. Estas não se escondem mais, mas precisam ser desencadeadas. Os membros estão começando a se converter ou a ajudarem-se, reciprocamente, em sua cura; eles se ligam a outros e/ou distanciam-se. Os conflitos estão constantemente pendentes no ar – defesas, raiva, fúria e o fato de não ser compreendido transforma-se em ordem do dia, frequentemente misturados com a luta por posição – e o grupo começa a definir regras. Em princípio, o único assunto está em ganhar e perder e alguns grupos rompem-se durante o processo ou, voltam ao estágio 1.

Mas, se o grupo sobrevive neste processo desagradável sem destruir-se ou regredir ao estágio de uma pseudo-comunidade, ele, gradualmente, entrará no estágio do “vazio”.

3. Estágio do Vazio

A transição do caos ao esvaziamento é raramente dramática. Muito pelo contrário, torna-se um tempo longo e muito doloroso. O estágio do vazio é uma fase de trabalho árduo, é um tempo em que os membros buscam limpar qualquer obstáculo entre si e a comunidade. Eles reconhecem sua própria vulnerabilidade e estão conscientes da necessidade de falar sobre suas necessidades pessoais. Agora, há a necessidade de correr o risco de falar com coragem e, mesmo que os membros possam sentir-se frequentemente aliviados, eles sentem-se também, constantemente vigiados. O motivo é, que muito do que eles, aparentemente, têm de deixar e sacrificarem-se junto com sua integridade pessoal são características universais humanas: preconceitos, julgamentos prematuros sobre fatos, expectativas rígidas, o desejo de fazer expandir sua “ideologia pessoal e visão de mundo”, a urgência de vencer, o medo de errar, e a necessidade de estar sempre no controle. Poderia haver também, questões muito pessoais como, por exemplo, alguma queixa escondida, desgosto ou medo profundo de sua própria vulnerabilidade ou pequenez.

Finalmente, a coragem toma lugar e os membros começam a falar abertamente e sem imediatas atribuições de valor. O momento chega, quando um membro pode precisar e coloca-se sinceramente sobre uma questão sem que ninguém sinta a necessidade de mudar o assunto. O grupo ouve em silêncio e assume, detalhadamente, o que foi colocado. Um dos membros pegará, cuidadosamente, o fio do assunto comentando mais ou menos sobre o que foi dito ou, apresentando outro problema semelhante. Em vez da necessidade de fugir da “nudez”, há respeito crescente porque um segundo membro seguiu o primeiro. Se outros membros seguirem de forma semelhante o processo estará realizado – dá-se o nascimento da comunidade. Na maioria dos casos este é um momento decisivo, profundamente sentido por todos os membros; é como se um espírito de paz e alívio estivesse descendo sobre todos os membros.

4. Estágio da Autenticidade

Em um momento único, tudo mudou. Confiança e amor incondicional se espalham. Fraquezas e falhas podem ser toleradas com humor. Os membros conhecem as áreas pessoais proibidas e mútuas, as quais respeitam e entram com o devido cuidado agindo com a necessária atenção. Tudo lembra uma peça orquestrada. A pessoa trabalha com o senso preciso do tempo como uma orquestra bem afinada dirigida por um regente celestial. Agora, muitos deles sentem a presença de Deus no ambiente e em sua colaboração conjunta.

Mas, agora, é necessário ter cuidado! Este estágio não acontece automaticamente e continua a existir; isto exige muito trabalho. Se as coisas forem deixadas por si mesmas ou, se não for dada a elas a devida atenção - no caso, por exemplo, de encontros vagamente realizados, maior superficialidade, chegada de novos membros, etc. – o grupo cairá facilmente ao segundo estágio e precisará refazer todo o processo novamente.

A este ponto, cada grupo – ou comunidade – deve perguntar-se se seus membros são já “um só coração e uma só alma” conforme o relato em Atos 4,32-35, na Escritura:

- *Permanecer juntos com confiança e amor → i.é., ser um só coração e uma só alma;*
- *Ser chamado para proclamar o Evangelho no centro de sua comunidade;*
- *Exercer a diaconia de amor – quase uma comunidade de bens.*

E, se tiverem atingido o estágio 4, ou se estiverem em um dos outros três estágios apresentados acima. Mas, não sinta medo se se encontrar no segundo ou mesmo, apenas no primeiro estágio – o importante é reconhecer o processo, para entrar nele e aceitar o desafio.

Mas, por onde começar...?

Viver e estar em uma comunidade requer honestidade e confiança. Antes de podermos chegar às necessárias conclusões, precisamos ver claramente onde estamos, e tomar, depois, decisões corretas e avançar rumo à transformação em uma verdadeira comunidade.

No início, devemos pensar a que pessoa confiar o acompanhamento do grupo^c porque a influência e as decisões desta pessoa são primordiais no progresso do grupo. No caso da Comunidade Divino Salvador esta responsabilidade recai, normalmente, sobre as Irmãs e os Irmãos/ Padres. No futuro, os Leigos Salvatorianos precisarão assumir por si essa responsabilidade se sua comunidade se tornar autárquica e autêntica^d.

O/A acompanhante deveria ter vários anos de experiência na vida comunitária Salvatoriana e, possivelmente, ter vivido também em diferentes grupos /comunidades. Ele/ela deveria ter maturidade, gostar de trabalhar com pessoas e estar aberta a novas experiências.

A Família Salvatoriana é uma comunidade espiritual – mas, não só isso! A afirmação: “O ser humano não vive só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.” (Mt 4,4) pode realmente, assumir, aqui, outra perspectiva positiva. Se, por exemplo, um grupo se encontra apenas uma vez ao mês por um tempo breve para rezar e/ou partilhar sobre as passagens bíblicas, nunca será uma verdadeira comunidade. Antes, ela permanecerá no primeiro estágio; seus debates, suas trocas, e seu estar junto não alcançarão qualquer aprofundamento considerável. Portanto, um grupo deveria começar logo a buscar outros elementos de conexão e interesses – que podem até ser de natureza completamente profana. Um grupo poderia ter um interesse em comum em cozinha, em habilidades manuais, em esporte ou cultura, etc. O que quer que encontrem, o importante para os membros é que sejam capazes, também, de encontrar uma base comum na “vida normal”. Uma responsabilidade essencial no acompanhamento de um grupo está na tomada de decisão dos passos necessários para se tornar comunidade e no monitoramento de sua implementação. Possíveis objeções sobre os riscos, por exemplo, de mais cedo ou tarde, o grupo poder escorregar ao profano, está na orientação do acompanhante, bem como, na motivação constante do grupo em si.

Atividades conjuntas e empreendimentos formam o grupo e revelam as forças e fraquezas de seus membros. As fraquezas não devem ser, necessariamente, uma desvantagem; antes, o grupo deveria ser desafiado a encontrar e desenvolver soluções conjuntamente. Atividades recreacionais conjuntas, peregrinação, caminhada com a Bíblia, fazer cursos, etc. aprofundam o senso de comunidade e promovem processos dinâmicos de grupo^e.

^c Isto se refere à pessoa responsável pela comunidade em questão

^d Também uma exigência para a aprovação da Santa Sé

^e A dinâmica do grupo se refere à interação e aos relacionamentos mútuos entre os membros de um grupo. Ela descreve o comportamento dos indivíduos dentro do grupo, a formação do grupo e o modo como o grupo funciona

Um outro assunto está no olhar para as respectivas personalidades no grupo e ao ego de cada membro. Quanto mais uniforme for a distribuição em um grupo, “mais fácil” será para os membros. Isto é, portanto, não um assunto de indiferença para decidir quais pessoas vão reunir-se com qual grupo. Isto requer certa sensibilidade. Mas, em alguns casos, nem isto ajuda e as dificuldades começam a aumentar. Uma pessoa que não é socialmente capaz não será feliz com a Família Salvatoriana em longo prazo, e vice-versa. Isto, infelizmente, obstruiria o desenvolvimento de uma verdadeira comunidade, e o grupo ficaria preso ao estágio do caos – o que não é certamente, um estado de coisas desejável.

Assim, o grupo precisa de um bom acompanhamento e de uma equipe de coordenadores ou, os líderes da Unidade precisam mudar a composição dos grupos para o bem da comunidade; ou, em alguns casos, pessoas precisam ser demitidas. Não é surpresa que isto se torne, frequentemente um maior desafio, especialmente para a pessoa que está acompanhando o grupo. O desenvolvimento de um grupo é sempre uma aventura – mas, é sempre também um caminho com Deus – que é algo para nos apoiarmos.

Uma questão regional e de mentalidade⁸

Com as comunidades internacionais é preciso que se dê especial atenção às diferenças específicas de mentalidade e, portanto, às regiões. Um tipo de realidade, por exemplo, que não apresenta quaisquer problemas em um contexto ocidental pode conduzir à completa desarmonia em um contexto asiático ou africano e vice-versa. Os seres humanos não são iguais, seja em sua aparência ou no modo de sentir.

Então, como é possível construir uma (verdadeira) comunidade internacional? Bem, isto requer, sobretudo, muita tolerância, compreensão das diferentes situações de vida e do ambiente, bem como a necessária aceitação. A ideia não é a de aceitar tudo, simplesmente, mas, de atingir um nível de aceitação razoável. Como Salvatorianos e Salvatorianas, encontramos apoio em nossa universalidade⁹ que está baseada na filosofia de vida Cristã-Católica¹⁰ e em nosso desejo mútuo de aprender confiando em Deus, e permitindo-nos ser enriquecidos pelos nossos irmãos e irmãs (estrangeiros e estrangeiras). Se formos bem-sucedidos em oferecer a tantas pessoas quantas for possível, a oportunidade de reconhecer o valor e a chance de viver em uma tal comunidade, pode surgir uma grande, verdadeira obra, tal como foi previsto e visualizado por Pe. Jordan.^f

Viver em comunidade – em grandes e pequenas questões

Se, a vida de um “grupo pequeno” apenas funciona, está na hora de olharmos para além de nosso próprio “horizonte”. A unidade de um país ou região precisa se empenhar para viver como uma verdadeira comunidade.

Como foi mencionado acima, várias atividades podem ajudar estabelecer e manter o sentimento do “nós”. Fica a cargo da equipe de liderança ou de coordenação prover os elementos específicos necessários. Além das grandes reuniões regulares, eventos educacionais, cursos, excursões ou projetos podem ser favoráveis.¹¹ Pelo menos, poderia haver projetos da Família Salvatoriana com a participação de alguns grupos ou membros dos ramos. Alguns desses projetos e atividades poderiam assumir dimensão internacional.^g

O que somos capazes de suportar?

Esta é uma pergunta a ser feita, não somente a cada pessoa mas, algumas vezes, também, a pequenas ou grandes comunidades como um todo. Razões para dissonâncias podem ser como os acontecimentos repentinos como a morte, a doença (severa) de um membro, constantes

^f Ver Declaração da Família Salvatoriana, capítulo 1, parágrafo 2.

^g Possíveis exemplos são os projetos sociais conjuntos com os Padres e as Irmãs, em suas Instituições (– SOFIA, etc.), que já acontecem

apelos externos, intrigas e muitas outras coisas; bem como, mudanças que se arrastam, tudo o que pesa sobre a estrutura comunitária.

A experiência nos tem mostrado que as comunidades com poucos membros são muito menos capazes de lidar com tais desafios do que as comunidades mais numerosas. Em outras palavras, existe uma “massa crítica” sob a qual o “problema” torna-se um real desafio – conduzindo, às vezes, à divisão da comunidade.

Um número mais elevado de pessoas ou um maior número de grupos individuais pertencentes a uma comunidade proporciona uma melhor distribuição. Os membros que não se sentem bem em casa em um grupo podem facilmente mudar para outro grupo. O ditado “um problema partilhado é um problema dividido” pode ser bem aplicado aqui, porque, quando muitas pessoas partilham um “problema”, cada pessoa sente o problema com menor intensidade do que em um grupo pequeno. Aqui, igualmente, fica a critério do acompanhante, da equipe de coordenação ou da equipe de liderança, buscar possíveis soluções.

E, ainda, cada pessoa é confrontada por esta questão-chave:

Sou capaz de viver em comunidade – ou não?

Uma exigência para cada grupo ou comunidade que busca relacionamentos mais profundos, em outras palavras, que queira tornar-se uma verdadeira comunidade, está na capacidade social de seus membros. Certamente, todos terão em mãos um critério. Quando esses forem reunidos tornar-se-ão, logo, óbvias as diferentes necessidades existentes para retirar-se às bases de uma verdadeira comunidade. Aqui estão alguns pontos de partida, sem a pretensão de estarem completos:

- Qual é a força do meu consentimento e da minha aceitação do que partilhamos como comunidade?
- Estou realmente desejoso/desejosa de engajar-me ou faço, apenas, para coexistir?
- Estou pronto/pronta a comprometer-me com outros membros da comunidade, para entregar-me a eles (incondicionalmente)?
- Não excluo outros, mas, inconscientemente me excluo porque, não quero, realmente, pertencer ou, porque não quero, ainda, engajar-me?
- Estou determinado/determinada a permanecer na comunidade estando suficientemente forte para sobreviver nas tempestades, conflitos e maus tempos?
- Estou pronto/pronta para equilibrar a minha liberdade fundamental, minha individualidade como pessoa, a fim de abrir espaço a outras pessoas/experiências?

Assim sendo, para nós, é importante olhar, regularmente, no espelho a nossa própria imagem despida de qualquer verniz e examinar a nossa disposição para conhecer-nos e corrigir-nos. Tenho conseguido criar um ambiente que dê a outros a liberdade para ser como são e terem e expressarem seus verdadeiros sentimentos?

Uma das afirmações de Pe. Bonaventura Lüthen SDS, que estaria sendo mais acurado no contexto de relacionamento e comunidade, e que poderia tornar-se uma frase-chave para todo o tipo de comunidade Salvatoriana, ecoa desta forma: “Trate toda pessoa de tal forma que ele ou ela sintam-se feliz por ter encontrado você.”

Comunidade verdadeira – ou simplesmente uma comunidade de utilidade

Ao olhar para as comunidades religiosas antigas ou novas, descobrimos que a comunidade é um pilar de cada uma de suas espiritualidades. Ela é a verdadeira portadora da tradição religiosa e do culto religioso¹². Assim, a comunidade exerce uma função essencial e é um dos principais

pilares da associação de pessoas de mentalidades semelhantes. Naturalmente, isto se refere, acima de tudo, a uma comunidade espiritual mas, mesmo aqui, a definição diz:

*Uma comunidade religiosa é um grupo de pessoas dentro da Igreja Católica Romana que pratica sua fé em sua própria forma original. Isto significa, por exemplo, que um carisma particular como a liberdade ou comunidade é importante, que um determinado santo assuma uma posição importante ou, que exista uma particular cultura da oração, a fim de intensificar a orientação religiosa.*¹³

Isto revela que a verdadeira comunidade é o que precisamos e necessitamos empenhar-nos por ela— seja em nossas maiores ou menores Unidades.^h

Consequentemente, as nossas comunidades Salvatorianas devem distinguir-se claramente de outras associações como os grupos paroquiais ou grupos em semelhantes contextos. A maioria destes tende a ser comunidades de utilidade e o foco primário não consiste em viver juntos como irmãos e irmãs. Assim, certamente, embora os membros respeitem-se mutuamente e alguns possam interagir como amigos, eles não precisam se amar. Finalmente, a passagem de *Gaudium et Spes* nos aponta o caminho:

*Deus, com seu cuidado paterno por todos os seus filhos, desejou que todos os homens constituam uma família e tratem uns aos outros no espírito de fraternidade. Por terem sido criados à imagem de Deus, que "de um só, ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra" (Atos 17,26), todos os homens são chamados para um e mesmo objetivo, Deus.*¹⁴

Mesmo que em cada uma de nossas Unidades não sejamos, ainda, verdadeiras comunidades, não podemos perder a esperança ou mesmo, deixá-la. Em vez disso, deveríamos aceitar os desafios estabelecendo-a como nosso objetivo a médio e longo prazo.ⁱ

Tão longe – e, tão perto...

O nosso mundo contemporâneo está marcado pelos meios modernos de comunicação: TV, rádio e Internet acompanham a vida cotidiana em muitas partes do mundo e as pessoas podem dificilmente imaginar-se vivendo sem eles. Mesmo nas regiões mais remotas os telefones móveis¹⁵ estão disponíveis e as pessoas usam as redes sociais para estarem em contato. Acima de tudo, é a Internet que oferece muitas possibilidades para estabelecer contatos com outras pessoas, mesmo em longas distâncias, e desenvolver novas formas de comunidades.

Internet: fóruns, blogs, videophone e outros semelhantes

Essas são ferramentas que permitem que as pessoas estabeleçam comunicação e as informações fluam pelos países e continentes.

Um **Internetforum**, regularmente denominado webforum, é uma plataforma virtual para trocar e arquivar ideias, opiniões e experiências. Comunicação em fóruns é assíncrono, i.é. as entradas não são respondidas direta e instantaneamente, mas com o atraso temporário, que pode levar horas, dias ou até semanas. A vantagem é que as pessoas em suas diferentes localidades podem escolher o melhor momento para escrever ou responder uma mensagem entrada, que é de grande ajuda especialmente ao se comunicar em diferentes fusos horários. Em geral, um fórum website tem um tema principal que oferece vários diretórios ou sub fóruns para os diferentes sub temas. Pode-se escrever as assim chamadas postagens possíveis de ser lidas e respondidas por outros. Todas as contribuições ligadas a uma postagem em particular são

^h Ver a seção acima: "Mas, por onde começar...?"

ⁱ Ver Declaração da Família Salvatoriana, capítulo IV. ss.

denominadas linhas ou tópicos. Ao iniciar uma nova linha começa-se com uma nova reflexão.¹⁶ Isto torna mais fácil acompanhar um tópico do que uma comunicação por e-mail. Outras possibilidades estão no intercâmbio de documentos, fotos ou vídeos, pesquisas ou votação sobre certos assuntos, etc. Desta forma, um web fórum é uma poderosa ferramenta para a comunicação moderna, e muito prática para grupos ou comunidades desejosos de manter contato através de fusos horários ou distâncias geográficas. A senha a mantém protegida de estranhos, de modo a poder ser usada por membros autorizados.



Quadro 3

Um **blob** ou **weblog** é conveniente para o intercâmbio de artigos, ideias, orações, etc. esta ferramenta permite ao grupo ou comunidade a compartilhar textos espirituais e reflexões em conjunto com imagens incorporadas, vídeo clips e arquivos de áudio. Embora um blog seja mais parecido com um diário ou jornal, ele pode ser escrito e editado por diversas pessoas. As ferramentas de tradução podem até facilitar a comunicação em diferentes línguas. Alguns desses sites são já considerados para serem publicações por internet e recebem números de ISS.¹⁷

O **Videophone** é um telefonema com imagem visual semelhante ao vídeo telefonia. Skype e Team Viewer são outros semelhantes programas de computador, disponíveis. No caso do Team Viewer diversas pessoas podem trabalhar simultaneamente em um documento, mesmo através dos continentes. E, não restam dúvidas de que o contato visual direto é uma vantagem adicional.

Todas essas oportunidades abrem novos horizontes e possibilidades que já estão sendo usados em várias outras congregações religiosas^j. Na Família Salvatoriana, estes meios estão começando a ser usados. Em Mateus 11,17 lemos: *“Tocamos flauta para vocês, e vocês não dançaram. Cantamos lamentações, e vocês não choraram”*; infelizmente, isto pode ser aplicado aqui, também. Porque, enquanto a, assim chamada, mídia social, como o FaceBook, Twitter e Co. estão tendo muitos usuários, fóruns e blogs estão sendo bem menos usados, embora, aqui, a comunicação aconteça em espaços fechados e ofereça mais segurança, apenas parcialmente. Faz-se ainda necessário muito esforço de persuasão, bem como, compreensão das comunidades virtuais que têm seus próprios direitos e deveres.

Conclusão

Temos visto que a comunidade pode ser dividida em quatro estágios, dependendo de seu grau de autenticidade. Isto exige coragem, perseverança, e certamente, alguns contratempos na travessia que a comunidade faz nos primeiros três estágios. Enquanto não atingir o status de verdadeira comunidade, ela não desenvolverá o tipo de amor incondicional que Pe. Jordan imaginou em seu Diário Espiritual.

“Outros se sentirão atraídos para unirem-se à nossa comunidade se virem o amor prevalecendo entre nós.”

Este é um objetivo digno que pode ser alcançado desde que os membros façam o discernimento de sua vocação e usem seus dons para o bem de todos. Atualmente, as fronteiras, oceanos e continentes estão se unindo cada vez mais. As distâncias estão diminuindo e novos meios de comunicação se abrindo inteiramente a novas oportunidades. A nossa tarefa, agora, é a de

^j A congregação religiosa da Sociedade de Maria (Marianistas) está operando em "comunidades - online " a um bom tempo.

envolver-nos e usá-los em vista do bem e bênção a todos. Isto tornaria possível alcançar o que está dito na carta ao Filipenses 1,27a:

“... que vocês estejam firmes num só espírito, lutando juntos com uma só alma pela fé do Evangelho.”

Questões para Reflexão

1. Leia novamente a Declaração da Família Salvatoriana à luz deste artigo.
 - a. Anote palavras ou frases que sejam significativas a você e pergunte-se: “O que isto está dizendo a mim e como posso responder?”
 - b. Quais seriam algumas das implicações para a Família Salvatoriana na parte do mundo onde você está, e/ou globalmente?
2. À luz deste artigo, caso você fosse revisar a Declaração da Família Salvatoriana, o que você adicionaria ou mudaria?

Literatura consultada:

Die Bibel. Altes und Neues Testament (1997, c 1997). Edição completa do Einheitsübersetzung. com imagens coloridas da Terra Santa. Augsburg: Pattloch.

Peck, M. Scott (2014): *Gemeinschaftsbildung. Der Weg zu authentischer Gemeinschaft*. 3ª edição. Ed. por Götz Brase-Pittenhart, Pittenhart: Blühende Landschaften; Schloss Oberbrunn.

-
- ¹→ *Declaração da Família Salvatoriana*, capítulo 4, parágrafo 14 ss. – Nossa Colaboração, edição de outubro 2012, Família Salvatoriana, Roma.
 - ²→ Wikipedia autores (2015): *Gemeinschaft*. ed. pela Die freie Enzyklopädie Wikipedia. Online disponível em <https://de.wikipedia.org/wiki/Gemeinschaft>, última atualização em 17 de fevereiro de 2015, última revisão em 29 de abril de 2015.
 - ³→ *Brockhaus Enzyklopädie - in vierundzwanzig Bänden*. FRU - GOS (1989). 19ª ed. Mannheim: Brockhaus. 9, p. 267
 - ⁴→ *Brockhaus Enzyklopädie - in vierundzwanzig Bänden*. NOS - PER (1991) (Brockhaus-Enzyklopädie : in vierundzwanzig Bänden, 16), p. 241.
 - ⁵→ Tönnies, Ferdinand; Lichtblau, Klaus (2012): *Studien zu Gemeinschaft und Gesellschaft*. Wiesbaden: Springer VS (um clássico da ciências sociais).
 - ⁶→ Wikipedia autores (2015): *Gesellschaft* (Soziologie). ed. pela Die freie Enzyklopädie Wikipedia. Online disponível em https://de.wikipedia.org/wiki/Gesellschaft_%28Soziologie%29, última atualização em 21.02.2015, última revisão em 29.04.2015.
 - ⁷→ Wikipedia autores (2015): *Teambildung*. ed. pela Die freie Enzyklopädie Wikipedia. Online disponível em <https://de.wikipedia.org/wiki/Teambildung>, última atualização em 12.01.2015, última revisão em 29.04.2015.
 - ⁸→ *Declaração da Família Salvatoriana*, capítulo 4, parágrafo 14 – Nossa Colaboração, edição de outubro de 2012, Família Salvatoriana, Roma.
 - ⁹→ *Declaração da Família Salvatoriana*, capítulo 2, parágrafo 8 – Nossa Missão, edição de outubro de 2012, Família Salvatoriana, Roma.
 - ¹⁰→ *Katechismus der katholischen Kirche*, parte I, seção 2, capítulo 3, parágrafo 9, § 3. 849 ss.
 - ¹¹→ *Declaração da Família Salvatoriana*, capítulo 4, parágrafo 16 – Nossa Colaboração, edição de outubro de 2012, Família Salvatoriana, Roma.
 - ¹²→ *Brockhaus Enzyklopädie - in vierundzwanzig Bänden*. FRU - GOS (1989). 19ª ed. Mannheim: Brockhaus. 9, p. 267
 - ¹³→ Wikipedia autores (2015): *Geistliche Gemeinschaft*. ed. pela Die freie Enzyklopädie Wikipedia. Online disponível em http://de.wikipedia.org/wiki/Geistliche_Gemeinschaft, última atualização em 28.04.2014, última revisão em 29.04.2015. ver também: *Brockhaus Enzyklopädie - in vierundzwanzig Bänden*. FRU - GOS (1989). 19ª ed. Mannheim: Brockhaus. 9, p. 267
 - ¹⁴→ PASTORALE KONSTITUTION GAUDIUM ET SPES. ÜBER DIE KIRCHE IN DER WELT VON HEUTE (2015). Roma. Online disponível em

-
- http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_ge.html, última revisão em 29.04.2015.
- ¹⁵→ Biermann Kai (2013): *Afrikas mobiles Wirtschaftswunder*. Um estudo feito pelo Banco Mundial mostra que, devido à comunicação móveis africanos estão com desenvolvimento acima da média. ed. pela Zeit Online Medien GmbH. Hamburg/Internet. Online disponível em <http://www.zeit.de/digital/internet/2013-03/afrika-mobilfunk-wirtschaft>, última atualização em 08.03.2013, última revisão em 23.08.2015.
- ¹⁶→ Wikipedia autores (2015): *Internetforum*. ed. pela Die freie Enzyklopädie Wikipedia. Online disponível em <https://de.wikipedia.org/wiki/Internetforum>, última atualização em 21.03.2015, última revisão em 29.04.2015.
- ¹⁷→ Wikipedia autores (2015): *Blog*. ed. pela Die freie Enzyklopädie Wikipedia. Online verfügbar unter <https://de.wikipedia.org/wiki/Blog>, última atualização em 26.04.2015, última revisão em 29.04.2015.